Unidades cristalizadas e provérbios
uma *Carta* de 1736 de Cavaleiro de Oliveira. Apontamentos de paremiologia portuguesa.

MARIA-JOÃO MARÇALO
Universidade de Évora

0. Como é sabido, as primeiros antologias importantes para o estudo da paremiologia e mais especificamente da paremiografia em portugês, datam do século XVII. Referimo-nos a dois interessantes especilégios publicados respectivamente em 1651, *Adágios Portugueses Reduzidos a Lugares Communs*, da autoria de António Delicado, e em 1655, *Florilégio dos Modos de Fallar e Adágios da Língua Portuguesa*, de Bento Pereira.

Neste pequeno estudo, iremos abordar um autor do século seguinte, *Francisco Xavier de Oliveira*, vulgarmente conhecido como *Cavaleiro de Oliveira*. Não se trata aqui de uma antologia de provérbios, mas sim de uma *carta*, em que o autor, deliberadamente, usa o maior número possível de parémias e outras expressões cristalizadas, tentando demonstrar a dificuldade em traduzir tais expressões, dificuldade essa acrescida para qualquer estrangeiro que não tenha um conhecimento profundo da língua portuguesa.

1. *Cavaleiro de Oliveira e as Cartas: linhas biográficas*

Filho de José de Oliveira e Sousa, funcionário de estado, que ocupava o cargo de contador dos Contos do Reino e Casa e adjunto de embaixadores em Viena e Utreque, Cavaleiro de Oliveira nasceu em Lisboa em 1702. Recebe, em 1729, o grau de cavaleiro de Cristo.

Homem de muitas paixões, casa-se em 1730 com D. Inês de Almeida , de quem tem um filho. Enviuva em 1733.

Cavaleiro de Oliveira sucede a seu pai, por morte deste, no cargo de escrivão-tesoureiro do plenipotenciário português na Alemanha, D. João Gomes da Silva, conde de Tarouca. Desde início, as relações entre ambos não foram as melhores. Contrariamente ao que Cavaleiro de Oliveira esperava, quem ocupa o lugar de responsável pela Secretaria não é ele próprio, mas sim um italiano de nome Valmagini. Aqui têm origem as desavenças geradas na embaixada entre o Cavaleiro de Oliveira e o embaixador.

Casa em segundas núpcias com Maria Eufrosina de Puechberg. Em 1740 publica na Holanda, onde habita, *Mémoires de Portugal et Mille et une Observations*. Volta a ficar viúvo. *Viagem à Ilha do Amor* é publicado em 1744. O Cavaleiro deixa a Holanda e parte para Inglaterra. A sua terceira esposa é Françoise Hamon. As núpcias são celebradas em 1746, ano em que abraça o luteranismo.

Da disputa entre Oliveira e o italiano Valmagini, a quem Oliveira acusa de traição, nos anos vividos em Viena, nasce a Carta que escolhemos analisar aqui. Esta integra o lote das denominadas *Cartas Familiares*, que terão sido publicadas na Holanda na década de quarenta.

Tendo renegado a religião católica e abraçado o anglicanismo, é condenado pelo Tribunal do Santo Ofício e queimado em efígie em Lisboa. Vem a falecer em Londres, no ano de 1783, depois de muitas aventuras e privações e alguns escritos importantes para o retrato da sociedade setecentista.

2. A Carta: «Se a entender é português, e se a traduzir é o Diabo»

A Carta de Oliveira que elegemos para análise, por a considerarmos um precioso testemunho para o conhecimento das parémias portuguesas usadas no século XVIII, terá sido escrita em Viena de Áustria em 4 de Março de 1736 e é dirigida «Ao Reverendíssimo Padre Dom Joseph Augusto, para se fazer por ela uma tradução italiana». Dom José Augusto, clérigo regular da Divina Providência, era Conselheiro da Consciência do Imperador Carlos VI e é ainda destinatário de duas outras cartas de Oliveira, que contudo não iremos aqui abordar.

Valmagini, o italiano que ocupa o cargo que Oliveira considera seu, é referido como «presumido estrangeirote, que promete traduzir em italiano todo e qualquer discurso que se fizer em português» (Oliveira, 1982: 14). Para justificar as suas razões, Oliveira procura escrever uma carta "intraduzível" para um falante não nativo de língua portuguesa, tentando sublinhar o argumento de que o cargo de responsável pela Secretaria da Embaixada de Portugal em Viena deve ser ocupado por um português, neste particular, ele prório. Assim comenta «Creia V. M. que o seu compatriota se há-de ver em tremuras com este papel, porque não é só impossível que o traduza, porém incrível que o entenda» (*ib:* 15). Chega ao ponto de afirmar: «Se o entender é português, e se o traduzir é o Diabo». Deixa por conseguinte explícita a ideia de que os provérbios e as expressões idiomáticas são quase inacessíveis a um estrangeiro, por muito conhecedor que seja de uma língua que não a materna.

2.1. A tradução impossível: comentários de Oliveira

Parecem-nos dignos de nota os vários comentários que Cavaleiro de Oliveira vai introduzindo na *Carta*, a propósito da dificuldade de tradução para o italiano. Tais comentários são produzidos ao longo do texto, como se de apartes dialogais se tratassem: *Que galante tradução será a do nosso italiano! Quem me dera já vê-la!* (*ib.:* 16); *Que bela tradução será a do italiano? (ib. 18); Parece-me que estou já vendo a tradução do italiano! (ib. 23); Eis aqui uma figura que será muito bem traduzida em italiano! Quem me dera já ver a tradução. (ib. 26); Como cairá isto bem na língua italiana! Oh, quem me dera já ver a tradução! (ib. 29); Oh quem te dera já ver, ó tradução! (ib. 30).* No parágrafo final acrescenta ainda: *Acabou-se a carta, meu Senhor. Pela alma lhe preste ao italiano que der na trilha de fazer a tradução. Oh tradução desejada quem já te vira! (ib. 34).*

Como se depreende destas palavras e já anteriormente afirmámos, Francisco Xavier de Oliveira empenha-se em compor uma carta tão pejada de expressões cristalizadas quanto possível, visando, mais do que construir um texto que claramente transmita uma mensagem, construir um texto hermético e ostracizante do ponto de vista semântico para quem não conheça profundamente os meandros da língua portuguesa.

3. Os provérbios e outras expressões cristalizadas na Carta

Oliveira "queima a paciência" para encontrar os termos "chulos, extravagantes e significativos com que em Portugal nos expressamos". Apresentamos seguidamente e por ordem de aparecimento no texto, os provérbios, idiotismos e outras expressões fixas ou cristalizadas que identificámos na *Carta*. Usando o critério da exaustividade, dado estarmos perante um texto de cerca de vinte páginas, compilámos nada menos que duzentas e quatro unidades.

dar trela
queimar a paciência
pôr cachorros na cabeça de alguém
ser o mesmo que mostrar o lagarto da Penha a quem já o viu
tomar entre dentes um pardal de bico amarelo
andar sofrendo gaifonas
não ganhar de mão
ganhar por unha
histórias da carochinha
aí torce a porca o rabo
Ter dois dedos de propósito
passar-se para a Outra Banda
mais que seja de narizes
Ter o mono pregado na cara
às três o Diabo as fez
do bico dos pés até à cabeça
chegar a roupa ao couro
tomar a gaita
andar com os pés para a cova
tocar na tecla da velhice
meter-se de réstia: arranchar, andar de gorra
meninas de Montemor vinde abaixo falar-nos
meter-se em camisa de onze varas
parecer a morte do adro
parecer o mirrado de Santos
meter à bulha
cada roca tem seu uso, e cada porca seu parafuso
não há panela sem texto
pôr à dependura
parecer a preguiça do Brasil
fazer mesurinhas à Serpe
recuar para trás como o caranguejo
fazer partidas
pregar a partida na cabeça de um tinhoso
Ter boca de praga
fazer estalar de riso
fazer ver o sete-estrelo
Ter graça como carvão de sacaria
cara de choramingas
desejar a mulher do próximo
deitar alguma pulha
vir de asa caída
fazer carrapato
fazer um calvário
pregar o calote
quem se queima alhos come
alhos misturados com bugalhos
uma mão cheia de nada e outra de coisa nenhuma
arreganhar os dentes
por uma unha negra
ver-se em calças pardas
meter-se na barafunda
tirar as barbas de vergonha sem dar patacoada
verter água fora dos testos
pôr de pachorra
deixar passar a trabuzana
não ter pevide na língua
não vender gato por lebre
deixar o sol às boas-noites
fazer tremer a passarinha
trazer de olho
vá brincar para o adro!
Estar bem aviado
meter-se numa alhada
Ter lábia
dar com o mel pelos beiços, depois de pôr o sal na moleira
ser cheio como um ouriço
falar por entre dentes
andar de rixa velha
trazer água no bico
não há que fiar em cão que manqueja
ser caixa de óculos
fazer narizes de cera
pôr na praça: mostrar
Estamos frescos!
Jogar as cristas
meter-se de gorra onde não é chamado
Ter mão de algo
chegar a brasa à sua sardinha
Para onde o frade deita o capelo, que eu lhas diga
bater mato
voltar como aqueles que quando vêm buscar lã, os mandam tosquiados
jogar às escondidas com alguém
fazer gato sapato de alguém
pôr (alguma coisa, um assunto) em pratos limpos
o tributo de pagar a cabra
ver as estrelas no meio-dia
ninguém diga, desta água não beberei
dar em droga
antes morte que vergonha
cuspir para o céu
dar com os bodes na areia
dar com os narizes em um sedeiro
pôr por portas
dar com um pau na paciência
fazer perder a estribeira
(não) deitar para trás das costas
comer os dedos
tirar do bico uma confissão
correr Ceca e Meca e Olivais de Santarém
cair à perna
pegar pelos calcanhares
enfiar pelo fundo de uma agulha
meter agulhas por alfinetes
tirar o pé do lobo
fazer-se moita
meter num chinelo
ser amigo de jogar de lombos
ver-se e desejar-se
pedir ás almas santas
Quando Deus não quer, santos não rogam
malhar em ferro frio
já os judeus não estavam todos na Rua Nova, quando...
pôr-se em polvorosa
tapar a jeira
deitar tudo de pernas arriba
deixar-se ir de unhas abaixo
dar mão a tudo
fazer-se mais branco do que uma parede
dar com algo em pantanas
ir como um passarinho
perdido como um garraio

meter mão ao ferrolho
ser fino como um coral
ser um manganão de esguicho
ver-se fora duma
são como um pêro
deitar carapuças à Serpe
meter-se-lhe na cabeça
servir de saia de malha em ocasião perigosa
a fé do pau da barca
pôr alguém a assar
deitar os bofes pela boca
tomar a peito
a trouxe-mouxe
dar conta de si
Ter bem para pêras
maus cães o comam!
Não chegar aos calcanhares de algúem
pôr-se em pés de verdade
quem tem visto flamengos à meia-noite
quem aprendeu a jogar à cabra cega
andar com pés de lã
isso é outro cantar
isso são outros quinhentos
ninguém as calçou, que as não borrasse
os males dos meus burricos me fizeram alveitar
gato escaldado da água fria há medo
sair sem galo na testa
sair sem/com penduricalhos ao pescoço
babau!
Ficar atado
Vale mais perder por carta de menos
Muitas vezes se quebram os narizes dando sempre com a testa para a porta.
Pés de vento
fazer finca-pé
fazer andar em corropio, em roda-viva, em dobadoira
andar como as carapetas
pegar com um trapo quente
estar-se nas tintas
não dar ponto sem nó
descoser os negalhos
fazer cabriolas
não bulir mais com a maça do escaravelho
há coisas em que quanto mais se mexe mais fedem
Ter pernas de aranha
Ter nariz de cavalete
(não) Ter cinco réis de seu
ser unhas-de-fome
parecendo um santo, não ser mais que pau
carunchoso
contar pelos dedos (enumerar)
dar com o pé na peia
dar olhado
ser bem visto
lamber os dedos a finezas
assobiar às botas
ser pau de cabeleira
sem tirte-nem-quarte
deitar para trás do cachaço
pregar os guardanapos grandes
ser boca-de-Serpe
o homem do pão-por-Deus
dormir como pedra em poço (dormir profundamente)
não saber o que diz mas saber o que faz (parecer tolo, mas não o ser)
ser o mesmo que buscar agulha no palheiro (algo muito difícil)
vir a dar em santo, ainda que seja por suas mossas de pau
conde de Açorda, barão de Maçamorda, conde da Choraça
ser o mesmo que fazer vir a coca
ser aquele que acudiu com o baracinho logo que lhe deram o porquinho
estar com as costas quentes (Ter protecção de alguém)
Ferveu a obra (da expressão latina *Fervet Opus)*
tirar a terreiro
com a mão de gato (ao de leve)
ser amigo de fazer fogo de palha (fazer espalhafato)
dar com a ossada
como um saco roto
estar como uma víbora
ser mau como as cobras
meter a queima-roupa
a furta-lhe o fato
rir tanto como os que vêem touros de palanque
o diabo em muletaspalhadas e alhadas
uma mão atrás, outra adiante (viver com dificuldades)

A copiosidade de unidades encontradas neste texto, leva Aquilino Ribeiro, autor da selecção, prefácio e notas da edição consultada, a apelidar Oliveira de «verdadeiro Calepino do lugar comum» (*ibidem:* 32).

3.1. O significado e o uso: breve confronto de unidades referenciadas com dois dicionários recentes de expressões idiomáticas

O objectivo deste artigo é apenas sublinhar a riqueza deste texto de Oliveira, indispensável a par de outros, para o conhecimento da paremiologia portuguesa em geral e do século XVIII em particular. Queremos contudo deixar pistas para trabalhos posteriores a desenvolver no mesmo âmbito.

Afigurando-se-nos indispensável um estudo diacrónico dos usos das expressões encontradas na *Carta,* para aferir do conhecimento, ou simples recensão das expressões e provérbios em obras recentes, seleccionámos as primeiras dez unidade e procurámo-las no *Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas*, de António Nogueira Simões, publicado em 1990 e no *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*, de Guilherme Augusto Simões, de 1993. Esta escolha foi meramente aleatória.

Daremos em seguida o significado das expressões atribuído em cada um destes dicionários.

CARTA de Cavaleiro de Oliveira	Novo diccionario de expressões idiomaticas	Diccionario de expressões populares portuguesas
1. *dar trela*	dar *trela*: animar uma pessoa a falar muito (373)	*dar* trela: dar conversa, dar confiança (215)
2. *queimar a paciência*	Não consta	Não consta
3. *pôr cachorros na cabeça de alguém*	Não consta	Não consta
4. *ser o mesmo que mostrar o lagarto da Penha a quem já o viu*	Não consta	Não consta
5. *tomar entre dentes um pardal de bico amarelo*	trazer alguém entre **dentes** (fam.): guardar má vontade, ressentimento, alimentar desejos de desforra (136)	Não consta
6. *andar sofrendo gaifonas*	Não consta	gaifona: careta, momice, esgares (340)
7. *não ganhar de mão*	Não consta	Não consta
8. *ganhar por unha*	Não consta	Não consta
9. *históricas da carochinha*	contos... (fam.): narrativa infantil, invenção, histórica, facto inverosímil (93)	história infantil; história para entreter; factos inverosímeis, inacreditávies (363)
10. *aí torce a porca o rabo*	ali/aqui é que a *porca*... esse é o aspecto essencial da questão; aí é que reside a dificuldade (317)	*Aquí* é que a porca torce o rabo: ponto onde começa a dificuldade (76)

Como se pode constatar, o confronto não é muito elucidativo, pois, dos dez exemplos seleccionados, apenas encontrámos três presentes em ambos os dicionários e dois parcialmentte presentes em cada um deles. Seria interessante estender à totalidade do *corpus* o teste, atendendo contudo ao limite de páginas que teremos de respeitar neste artigo, limitamo-nos a dar estes dez exemplos como mera amostra. Interessante também seria proceder a tal confronto com as duas obras já referidas de António Delicado e Bento Pereira, de modo a ajuizar do conhecimento e/ou uso de tais expressões no século XVII.

As diferentes organizações dos vários dicionários compulsados dificultam este tipo de teste e mostram-se amiúde insatisfatórias até para simples consulta, dado que o leitor nunca sabe que palavra eleger para procurar por ordem alfabética: por vezes é o substantivo, outras o verbo. Acontece ainda, por vezes, que os provérbios se encontram organizados tematicamente como se verifica em relação aos *Adágios Portugueses*, de Delicado.

4. Conclusão

O intuito de Oliveira em produzir um texto difícil de compreender por um não português terá sido conseguido. Acresce que, dois séculos e meio volvidos sobre a feitura da *Carta*, esta se tornou igualmente indecifrável ou deixa margens para dúvidas, mesmo para um falante nativo de português. Se são facilmente descodificáveis expressões ainda hoje de uso frequente como *chegar a roupa ao couro* (bater), *andar com os pés para a cova* (estar doente ou a morrer), *meter-se em camisa de onze varas* (meter-se em sarilhos, problemas), que quereria Oliveira significar com expressões como *Menina de Montemor vinde abaixo falar-nos*, ou *fazer mesurinhas à Serpe?* Fica a pergunta, a que eventualmente só se poderá dar resposta com um melhor conhecimento do contexto e época em que foram produzidas, como amiúde acontece com as expressões cristalizadas.

Ficam também inventariadas as 204 unidades que este pequeno texto oferece para o conhecimento da paremiologia portuguesa.

BIBLIOGRAFIA

Bibliografia Primária

OLIVEIRA, CAVALEIRO (1741=1982): *Cartas Familiares*. Selecção, prefácio e notas de Aquilino Ribeiro. Lisboa: Sá da Costa, 3ª ed.

Bibliografia Secundária

DELICADO, A. (1651=1923): *Adágios Portugueses Reduzidos a Lugares Communs*. Nova edição revista e prefaciada por Luís Chaves. Lisboa: Livraria Universal.

HUNDT, Ch. (1994): *Untersuchungen zur portugiesischen Phraseologie*. Wilhelmsfeld: Gottfried Egert.

LOPES, A. Cr. M. (1992): *Texto proverbial português - Elementos para uma análise semântica e pragmática*. Coimbra, Dissertação de Doutoramento.

MARÇALO, M. J. (1992): «Da primeira articulação», in *Introdução à linguística funcional*. Lisboa: Ministério da Educação - ICALP, Identidade - Série Língua Portuguesa, pp. 67-102.

---- (1994): «Synthèmes dans la presse portugaise», *La Linguistique*, vol. 30/1: 79-83.

---- (1996): «Palavras compostas ou sintemas formados por composição e cristalização no português europeu», in Henríquez, M. C. e Rifón, A. (eds.), *Estudios de Morfología*, Departamento de Filología Española - Universidade de Vigo, pp. 91-110.

PEREIRA, B. (1655): *Florilégio dos Modos de Fallar e Adàgios da Língua Portuguesa*. Lisboa: Paulo Craesbeeck.

PORTELA, A. (1982): *Cavaleiro de Oliveira, Aventureiro do Século XVIII*. Lisboa: Imprensa-Nacional - Casa da Moeda.

SANTOS, A. N. (1990): *Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas*. Lisboa: Sá da Costa.

SEVILLA MUÑOZ, J. (1996): «Fuentes paremiológicas francesas y españolas en la primera mitad del siglo XIX», *Estudos de Literatura Oral* (Universidade do Algarve), nº 2: 203-215.

SIMÕES, G. A. (1993): *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*. Lisboa: Dom Quixote.

THUN, H. (1978): *Probleme der Phraseologie*. Tübingen: Max Niemeyer.

VILELA, M. (1995): *Léxico e Gramática*. Coimbra: Livraria Almedina.

ZULUAGA, A. (1980): *Introducción al estudio de las expresiones fijas*. Frankfurt a. M.-Bern-Cirencester/U.K., Lang.